

GEORGE DE LA TOUR TINHA RAZÃO: OS LIVROS TÊM LUZ PRÓPRIA

GEORGE DE LA TOUR WAS RIGHT: BOOKS HAVE THEIR OWN LIGHT

Eliana Yunes¹

Resumo: A pretexto do quadro *A Educação da Virgem*, de George la Tour, uma reflexão sobre a leitura entre deficientes visuais – o mundo da escuta, da leitura em voz alta, da leitura solidária que respondem a videntes e invidentes.

Palavras-Chave: Leitura; Leitores deficientes visuais; Leitores Funcionais

Abstract: Taking George la Tour's painting, *The Virgin's Education* as a reference to understand the play on light/darkness that involves visual deficient readers, the article proposes to consider the functional readers acting in similar condition to those ones.

Keywords: Reading; Visual deficient Readers; Functional Readers.

Há um quadro de George de la Tour, de 1640, intitulado *A Educação da Virgem*, cuja leitura de imagem revela uma impressionante perspicácia religiosa do jogo claro-escuro, luz-e-sombra, por parte deste pintor francês tido como 'discípulo' de Caravaggio. O códice aberto no colo de Sant'Ana, texto voltado para a menina Maria que lê à luz de uma vela, pode levar um apressado expectador a supor que a luz provem do círio que se derrete em sua mão esquerda e cuja chama não explode aos olhos de quem contempla a cena por conta da pequenina mão direita que a encobre. Ledo engano.

Com maior observação, o leitor do quadro vai perceber que a linha de luz passa do livro ao rosto de Maria diretamente e que a vela apenas dota a cena escura de um objeto de óbvia representação para a claridade. Mas a fonte de luz é outra: é do texto sagrado que brota o fulgor que alcança o rosto da pequena leitora. Entre a menina que "aprende a ler as sagradas escrituras" e sua condição mesma de personagem da profecia de Isaías, cria-se uma simbiose que ilumina não a cena, mas elucida o seu destino como revelação. Emprestando à sua face a condição de espelho da palavra lhe dá a ver-se misteriosamente na página aberta, refletida no livro. O livro é a verdadeira fonte de luz.

A esta conclusão, chegaram muitos, como Marguerite Duras, Jorge Luiz Borges, Alberto Manguel e Denise Schettine, pesquisadora que escreveu sua tese sobre *ler e escrever*

¹ Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Depto de Letras e pesquisadora do Instituto Interdisciplinar de Leitura – iiLer / Cátedra UNESCO de Leitura (PUC-Rio).

no escuro e coletou depoimentos sobre e de escritores e leitores cegos. Na escuridão, afloram imagens suscitadas pelas palavras lidas/ouvidas e se desata a conversa. Entre videntes, a voz interior dialoga com o texto; entre cegos, os leitores se tornam focos de luz sobre textos imaginados na sombra.

No começo da escritura, isto não comportava o mundo dos cegos apenas, mas correspondia ao lugar comum dos não-leitores, quando o verbo se fez letra: foi tardiamente que a alfabetização se universalizou e que o filtro da escrita passou a subestimar a oralidade. Curiosamente, quando Santo Agostinho se surpreende, vendo Santo Ambrósio rezar com o livro aberto, percorrendo com os olhos a página, sem murmurações, era como se o texto passasse direto ao espírito, sem mediação da voz.

Houve um risco grave nesta mudança da leitura em voz alta à silenciosa, que nos afeta até hoje: o das palavras passarem em branco, perdendo sua função mais fantástica que é a de suscitar a imaginação, fascínio permanente mesmo no mundo da física quântica e dos supertelescópios. Os olhos deslizam sobre a página, mas não escutam a voz do texto. Leem e são ‘surdos’ ao texto. Exatamente o contrário do que George de la Tour representava no famoso quadro a que nos referimos. O rosto da menina iluminado espelha o texto da profecia: é ela.

Contudo, desde os livros sagrados, em que os deuses sabem que na impossibilidade de vê-los face a face sem morrer, como o Deus de Abraão diz a Moisés e Elias, há um apelo insistente em ouvir. Claro que as palavras podem “entrar também por um ouvido e sair pelo outro” como diz a cultura popular. Mas a escuta pode suscitar um olho interior enquanto a visão tem dificuldades para abrir os ouvidos. Não se trata efetivamente de acentuar disputas entre os sentidos, quanto a sua nobreza e amplitude. Mesmo os neoplatônicos que insistiam no risco da ilusão frente às sombras que simulam a realidade sem poder abrir mão da luz que a projeta diante de nossos olhos, mesmo eles caminham em direção ao pensamento abstrato (a ideia perfeita), fugindo ao espetáculo do mundo (a matéria imperfeita) para conhecer apenas pela razão. Este olho interior, ora científico, ora místico, lida com a potência do imaginário para superar os limites do desconhecido. Basta pensar que a metáfora para a modernidade cartesiana se consolida como “iluminismo”.

Com Derrida, em suas *Memórias de um Cego*, (vivência de uma experiência traumática, temporária) se enuncia algo penetrante sobre a interpretação de um signo “que procederia da noite e escaparia ao campo da visão”, ou seja, a experiência de visibilidade requer que se conheça a escuridão. O aspecto falho do olhar físico se recompõe na perspectiva de uma escuridão “visível”, conduzindo a leitura para um lugar em que não contam apenas os olhos da carne. O risco de confirmar a mesmice, de ficar no ‘*dejá vu*’ parece que demanda uma espécie

de cegueira para ver além do literal, na ordem de uma introspeção que estamos perdendo, também pela poluição sonora e visual.

É Merleau-Ponty quem nos convida a não fazer opções absolutas, pois é preciso equilibrar o olho interior e o carnal, ainda que esteja na ponta dos dedos. Para os videntes, há então que se considerar a invisibilidade das coisas que estão para além do olhar, de forma a superar a cegueira que acomete a presença das coisas, impedindo que seja suscitado o imaginário ou a ausência do mundo. Mas o que é uma vez percebido se grava no espírito como memória. Isto explicaria nossa capacidade de reler o mundo depois de o termos “visto” uma vez, e o criarmos como ficção que desvela não só o visto mas o não-visto.

É assim que abrir os ouvidos, atender à escuta, não parece desdobramento compensatório de uma condenação à perda do sentido da “visão”, mas uma necessidade que circunscreve a capacidade de perceber para além dos olhos físicos. O leitor antes, como copistas e escreventes que não precisavam entender claramente o sentido do que faziam ou como crianças que se alfabetizam ainda hoje sem poder, de fato, ler o escrito, alterou seu papel; o leitor, na contemporaneidade, dispensado que esteja de declamações enfáticas, eloquência e ritmos acentuados ou gestuais dramáticos que só fazem sentido na dramaturgia, cede sua voz e é impossível exigir que não ceda seus afetos. Sabemos o quanto as mulheres do sec. XVII e seguintes dependeram de vozes leitoras para ter acesso aos romances; e para que muitas histórias não se perdessem foi fundamental memorizá-las para récitas como as que os contadores de histórias da atualidade transformam em espetáculo cultural.

Portanto, o mundo que corresponde a cegos, o mundo da escuta e do imaginário, eles o partilham com videntes, quiçá até mais cegos, com seus olhos físicos e quase nenhum espaço para criar entre ver e ler, entre ler e pensar. Em “sociedade dos poetas mortos”, a audição e os recitais ao ar livre, acordam o amor pela poesia assassinada na sala de aula, nos exercícios mecânicos de interpretação já prefigurada. O teatro, assim como as telenovelas de agora, fazem as palavras dançarem diante de nós, ao contrário dos cursos maçantes de literatura, atravessados por análises nada sedutoras.

Como as vozes de acalanto, lembradas por Daniel Pennac, que nos embalavam o sono com leituras, amáveis e amorosas com o escrito. Há pois que ter alma para dar expressão ao lido. Como se fora música que nos chega aos poucos ao entendimento, tenha ou não letra, como na canção popular. De repente some quem conta ou canta, fica o texto, ficam os sons na cabeça do ouvinte, e ele dispara a imaginar com olhos abertos o que não vê, mas vive.

Assim é que desta voz que se interioriza e se torna interlocutora de um “eu” com um “mim” que vive a leitura, que vivem talvez as artes todas, como textualidades diferentes,

linguagens próprias para dar forma ampla ao pensamento e que demandam de nós, levantar a cabeça do livro, fechar os olhos diante de um quadro, para ver melhor o que não está exatamente disposto lá. Como se ouvir no escuro nos desse a ver melhor, como se tirar os olhos do texto nos permitisse escutar efetivamente o que vai sendo dito na escrita.

Numa sociedade tida como da imagem, a que conta efetivamente vai em nosso interior, sob pena de não termos autonomia para pensar e agir. Não perdemos nunca a memória do que lemos/ouvimos, com dedos, olhos e ouvidos, se nos apossamos em verdade da palavra, tornando-a nossa. Essas “vozes longínquas” seguem conosco ao longo da vida, como nos lembra Eduardo Galeano, em ‘Função do leitor’ de seu *Livro dos Abraços*. Acesa então a memória, um repertório pessoal e recortado dá acesso ao que se tem de acervo, instala a possibilidade de vermos para além do momento que se vive, lermos para além do que se recorda. Como se uma biblioteca própria fosse carregada por cada um e não apenas se atualizasse a cada situação e contexto em que emerge, como se isto mesmo fosse sua condição de sobrevivência, um Fahrenheit 451 que se fortalece não pela repetição do texto, mas pela experiência da interpretação.

Costumamos admitir sem relutância que nunca lemos o ‘mesmo’ livro duas vezes e que nunca somos o ‘mesmo’ leitor na releitura de qualquer texto, ouvido ou lido. Eis a verdadeira Biblioteca de Babel em que nos movemos ou que nos habita, quem sabe? As bibliotecas que levamos conosco contam nossa história, tanto quanto eventos exteriores e mais que eles: são escolhas nossas que nos nascem dos desejos: as obras não estão classificadas por um sistema catalográfico garantido pela técnica, mas se ordenam por associações insólitas que perturbam a quem as percebe.

O que se perde então, como leitor que nunca viu a luz? Talvez, a privacidade que encantava a Proust, talvez o acolhimento e reserva do entorno, talvez o cenário em que se encaixa o ato de ler: quase que acidentais, diria um leitor vidente que descobre a leitura como esta conversa interior, este diálogo de vozes e sentimentos, de pensamentos que o atravessam e renascem na sua própria voz quando partilha o que restou ou brotou do texto como semente em seu imaginário. Somos livros humanos mais que humanos-livros, como de início se pode pensar com Fahrenheit. Esta biblioteca tem a vantagem de ser compartilhável ininterruptamente, a cada encontro, a cada conversa.

Na leitura solidária se encontra a verdadeira iniciação à formação de leitores, saibam pais e educadores. Aliás, a leitura nunca é solitária, mesmo quando nos recolhemos com um livro: como se fora um amante, formulou Clarice em *Felicidade Clandestina*, ele nos toca e fala conosco intimamente, à ocultas.

Na contramão, talvez os cegos precisem de livros e de narrativas como ninguém para seguir conhecendo o mundo, ampliando horizontes, abrindo novas janelas sobre a vivência: o ato de ler, na ponta dos dedos ou pendente da escuta em voz alheia talvez não seja mais que a experiência de um sol que se pode conhecer no calor da pele ou rememorar no eco de uma imagem antiga, desbotada. A verdade é que os livros têm luz própria, antes mesmo de serem suportes; o que eles contam tem vida própria e cabe ao leitor qualquer que seja incorporá-la a seu jeito.

Referências

- BARTHES, R. *O óbvio e o Obtuso*. Lisboa: Edições 70, 2009.
BORGES, J.L. *Ficções*. São Paulo: Globo, 2001.
CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
DERRIDA, J. *Memoire d'un aveugle*. Paris: Edicion de RMN, 1990.
MANGUEL, A. *A biblioteca à noite*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o Espírito*. São Paulo: CosacNaif, 2004.
ONG, W. *Oralidad y escritura*. Mexico FCE, 2004.
PENNAC, D. *Como um romance*. Rio: Rocco, 1993.
PROUST, M. *Sobre a Leitura*. São Paulo: Pontes, 2002.
Santo Agostinho. *Confissões*. S. Paulo: Abril Cultural, 1973.
SCHETTINE, D. *Lendo no escuro*. Rio: PUC-Rio (Tese inédita), 2011.